MÍDIA E PEDAGOGIA CORPORAL: PROBLEMATIZANDO ARTEFATOS CULTURAIS GERADORES DE SABERES GORDOFÓBICOS

MEDIA AND BODY PEDAGOGY: PROBLEMATIZING CULTURAL ARTIFACTS THAT GENERATE FAT-PHOBIC KNOWLEDGE

MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y PEDAGOGÍA DEL CUERPO: PROBLEMATIZAR LOS ARTEFACTOS CULTURALES QUE GENERAN CONOCIMIENTOS GORDOFÓBICOS

Jádisson Gois da Silva[1]
Cristiano Mezzaroba[2]

RESUMO
Este estudo objetivou operar uma análise crítico-reflexiva diante aos produtos midiáticos os quais tendenciam compreensões gordofóbicas, e que, em certa medida, leva à tona a pedagogia corporal exercida pela mídia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo-exploratório do tipo documental de análise de produto midiático. O *locus* para coleta dos dados foram as plataformas digitais de notícias do portal Vivabem UOL e o Portal G1 (portal de notícias digitais do Grupo Globo). Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, de Lawrence Bardin. Identificou-se que os saberes do modelo biomédico relativos ao corpo gordo, nas discursividades midiáticas, promove um profundo processo de pedagogização corporal, e isso é a gordofobia, pois, além de enaltecer o emagrecimento como sendo o "ideal' com vistas à suposta "garantia de saúde" e de um corpo belo, generaliza todos os corpos gordos como doentes. Torna-se necessário o trabalho com a perspectiva teórico-metodológica da mídia-educação com vistas ao desenvolvimento do senso de criticidade diante de temas como corpo, saúde e mídia, tanto na formação (inicial e continuada) de professores(as) como no âmbito escolar envolvendo alunos(as), vislumbrando, assim, uma educação midiática integrada à formação integral e contextualizada, que contribua de maneira significativa para promoção do exercício da cidadania.
PALAVRAS-CHAVE: pedagogia corporal; educação midiática; gordofobia.

ABSTRACT
This study aimed to carry out a critical-reflexive analysis of media products which tend towards fatphobic understandings, and which, to a certain extent, bring to light the body pedagogy exercised by the media. This is a qualitative research, with a descriptive-exploratory nature of a documentary type of a media product analysis. The loci for data collection were the digital news platforms of the Vivabem UOL portal and G1 Portal (Globo Group digital news portal). Lawrence Bardin's content analysis technique was used. It was identified that the knowledge of the biomedical model regarding the fat body, in media discourses, promotes a profound process of body pedagogization, and this is fatphobia, once, in addition to praising weight loss as being the "ideal" with a view to the supposed "health guarantee" and a beautiful body, it generalizes all fat bodies as sick. It is necessary to work with the theoretical-methodological perspective of media education with a view to developing a sense of criticality when it comes to themes such as body, health and media, both in the (initial and continuing) formation of teachers and in the context of school, involving students, thus envisioning media education integrated into a comprehensive and contextualized formation, which contributes significantly to promoting the exercise of citizenship.
KEYWORDS: corporal pedagogy; media education; fatphobia.

RESUMEN
El objetivo de este estudio fue realizar un análisis crítico-reflexivo de los productos mediáticos que tienden a la comprensión gordofóbica y, en cierta medida, ponen de relieve la pedagogía del cuerpo ejercida por los medios de comunicación. Se trata de un estudio cualitativo, descriptivo-exploratorio, de análisis de productos mediáticos. El locus de recolección de datos fueron las plataformas digitales de noticias del portal Vivabem UOL y del Portal G1

[1] Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0089-4852.
[2] Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4214-0629.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

(portal digital de noticias del Grupo Globo). Se utilizó la técnica de análisis de contenido de Lawrence Bardin. Se identificó que el conocimiento del modelo biomédico relativo al cuerpo gordo, en el discurso mediático, promueve un profundo proceso de pedagogización del cuerpo, y éste es la gordofobia, porque, además de elogiar el adelgazamiento como "ideal" con vistas a supuestamente "garantizar la salud" y un cuerpo bello, generaliza todos los cuerpos gordos como enfermos. Es necesario trabajar con la perspectiva teórico-metodológica de la educación en medios de comunicación con vistas a desarrollar un sentido de criticidad en relación con cuestiones como el cuerpo, la salud y los medios de comunicación, tanto en la formación (inicial y continua) de los docentes como en el ámbito escolar que involucra a los alumnos, previendo así una educación en medios de comunicación integrada a una formación integral y contextualizada, que contribuya significativamente a promover el ejercicio de la ciudadanía.
PALABRAS CLAVE: pedagogía del cuerpo; educación mediática; gordofobia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da história, as referências sobre o corpo se modificaram, ajustando-se a cada contexto sociocultural, o que, de certa forma, influenciou os padrões corporais aceitos pela sociedade (Poulain, 2013; Vigarello, 2012). De fato, no século XXI, o corpo magro tem recebido notável valorização e tem sido o foco dos discursos midiáticos, pautados na ideia de que seria um corpo biologicamente saudável.

De acordo com Gonçalves e Azevedo (2007), a perspectiva biologicista do corpo, remanescente do final do século XVIII e início do XIX, mostra-se insuficiente — ou, mais precisamente, limitada — para explicá-lo em toda a sua abrangência e complexidade. Isso porque, segundo os autores, "[...] o corpo não se constituiria apenas como uma coleção de órgãos organizados segundo as leis da fisiologia e da anatomia, mas, antes, como uma estrutura simbólica, uma superfície de projeções, capaz de articular as mais variadas formas culturais" (Gonçalves; Azevedo, 2007, p. 204).

A maneira como os espaços midiáticos constroem e difundem representações do chamado corpo "perfeito" contribui para que sujeitos que não se enquadram nesses padrões idealizados sejam frequentemente alvo de preconceitos, o que, em muitos casos, resulta em processos de exclusão nos diferentes âmbitos da vida em sociedade. Cabe destacar que a sociedade aqui problematizada é marcada pelo que Fischler (1995) denomina "lipofobia", cuja consolidação está diretamente associada a uma "[...] obsessão pela magreza e a uma rejeição quase maníaca da obesidade" (Fischler, 1995, p. 15). A isso soma-se a presença significativa da gordofobia na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, recorreu-se aos escritos de Silva e Mezzaroba (2022) os quais afirmam que:

> Os estereótipos baseados no peso do corpo são pouco comentados e problematizados socialmente, sendo o âmbito escolar um microcosmo da sociedade, já que, tende a deslegitimar a presença dos corpos gordos (assim como demais instâncias da sociedade), e isto, contribui cada vez mais para ascensão de uma sociedade lipofóbica e gordofóbica que naturaliza corpos padronizados tidos como magros e saudáveis (Silva; Mezzaroba, 2022, p. 129).

A relação entre saúde, estética e mídia apresenta elementos relevantes que precisam ser pontuados e tensionados, tendo em vista uma análise crítico-reflexiva e problematizadora, inclusive no âmbito da mediação pedagógica e formativa de professores(as) que, no espaço escolar, mantêm notória proximidade com os(as) discentes em aspectos relacionados ao corpo e às práticas corporais, como é o caso daqueles(as) que lecionam o componente curricular Educação Física (Mezzaroba; Torri, 2016).

Estes autores, ainda contribuem com a seguinte afirmação:

> [...] como professores que se dedicam a agir pedagogicamente nesse campo do saber – a Educação Física – há a necessidade, cada vez mais urgente, de trazer esses meios às salas de aula, questionando discursos repetitivos e consumistas, articulando criticamente visões quanto a esses 'corpos', permitindo a construção de estratégias em direção a um conhecimento reflexivo e amplo sobre os 'assuntos' produzidos e que circulam nas mídias em geral (Mezzaroba; Torri, 2016, p. 410).

Torna-se, portanto, evidente a necessidade de se adotar a perspectiva teórico-metodológica da mídia-educação, que, desde seu surgimento, propõe-se como um potente instrumento formativo e de operacionalização, com vistas à promoção de uma educação crítica frente aos meios de comunicação (Fantin, 2011), inclusive no que se refere à pedagogia corporal exercida pela mídia. Segundo a autora, "[...] a necessidade de contemplar o estudo das mídias e das práticas comunicativas na escola vem sendo discutida há muito tempo no âmbito da formação inicial e continuada de professores" (Fantin, 2011, p. 28).

Alves e Cossetin (2023) contribuem para a compreensão de que a práxis docente precisa alinhar-se à realidade do entorno dos estudantes, sendo fundamental a oferta de um ensino emancipador que considere seus contextos socioculturais, seus saberes prévios e as transformações decorrentes da evolução tecnológica e do uso das mídias digitais.

Em consonância com essa perspectiva, no campo da educação e da comunicação, compreende-se que os constructos teórico-metodológicos "[...] enfatizam a necessidade de o currículo da formação de professores não apenas contemplar a comunicação, a mídia e a tecnologia, mas que estas sejam estudadas, praticadas e aperfeiçoadas no sentido de uma relação emancipatória com as mídias" (Fantin, 2012, p. 438). Nesse sentido, é que o presente estudo

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

teve como objetivo[3] operar uma problematização quanto a produtos midiáticos (portais UOL e G1, entre agosto de 2022 e março de 2023) que tendenciam compreensões gordofóbicas, e que, em certa medida, funcionam como uma pedagogia corporal exercida pela mídia.

Ressalta-se, entretanto, que este estudo aborda a gordofobia como objeto de investigação no campo das Humanidades, ao mesmo tempo em que propõe uma reflexão crítica voltada à desconstrução de concepções e atributos estereotipados, marcados por simbologias estigmatizantes associadas ao corpo volumoso — expressão utilizada por Georges Vigarello (2012). Tal abordagem, contudo, não implica a negação dos saberes científicos acerca dos possíveis malefícios associados ao fenômeno da obesidade, amplamente discutidos no campo biomédico, mas busca problematizar os processos de estigmatização e culpabilização que recaem sobre os corpos volumosos no âmbito social e midiático.

O texto está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica, com o objetivo de delinear um panorama acerca da influência da mídia na construção de um "ideal" de corpo; em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados para a consecução dos objetivos do estudo; posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados, a partir do material empírico, momento em que se analisa o desvelamento da pedagogia corporal exercida pela mídia; por fim, expõem-se as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O padrão corporal vigente, de caráter determinista, encontra-se intimamente associado ao corpo magro, esguio e *fitness*. Em contrapartida, todas as demais configurações corporais que não correspondem a esse modelo passam a ser desvalorizadas e menosprezadas. Tal processo é reforçado pela mídia, que tem veiculado conteúdos estereotipados e gordofóbicos sobre os corpos gordos, seja em produções audiovisuais, como filmes e novelas, seja em plataformas jornalísticas e redes sociais digitais, incluindo perfis de usuários(as) na rede social *Instagram* (Caetano, 2019; Paixão, 2021).

[3] O presente estudo é decorrente de uma dissertação de mestrado desenvolvida no âmbito de um programa de Pós-Graduação em Educação de uma instituição pública federal de ensino superior, localizada na região Nordeste do Brasil. A pesquisa contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da concessão de bolsa de estudos, o que possibilitou a dedicação integral às atividades de pesquisa.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

No caso da telenovela, recupera-se a atuação da atriz Ana Baird, intérprete da personagem Nicole em "Um Lugar ao Sol", novela das nove exibida pela Rede Globo. Na narrativa, a personagem é alvo de práticas e signos gordofóbicos e, em determinados contextos, reproduz discursos de autodepreciação, utilizando o humor como forma de violência simbólica contra si mesma.

Não obstante, conforme afirma Souza (2019, p. 83):

> Na contemporaneidade, a mídia ocupa um dos lugares centrais na produção das discursividades, atuando tanto como meio de produção e circulação de textos e imagens, como fonte de discursos que fundamentam e orientam as relações sociais, podendo ser considerada como mais um poder que age sobre os corpos; afinal, ela é responsável pela visibilidade pública dos nossos corpos, ou seja, é através dela que os corpos estão cada vez mais visíveis.

A mídia difunde, assim, maneiras de comportamento, propõe estilos de vida, maneiras de falar, pensar, e, até mesmo sofrer, sendo os meios de comunicação contemporâneos uma das principais instâncias formuladoras e divulgadoras de parâmetros estéticos e comportamentais (Souza; Mattos, 2015). Fantin (2009, p. 28) contribui dizendo que "[...] as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo".

Lovisolo (2006), em seu estudo, descreve três elementos que se constituem como um *modus* de referência ao corpo: juventude, beleza e saúde, os quais são por ele abreviados como "modelo JUBESA". O autor também aponta que é possível observar a forma como a mídia, de modo geral, veicula informações acerca de um "ideal", isto é, uma referência corporal alinhada a paradigmas normativos, que privilegia um corpo considerado belo, jovem e saudável.

> O corpo JUBESA, aquele que segue os preceitos de juventude, beleza e saúde, apresenta vaga cativa no contexto escolar, tendo em vista que na educação física escolar utiliza-se, de um modo geral, desses preceitos, os quais estão vinculados ao corpo magro, para justificar e estimular as práticas corporais. A visão do corpo magro, portanto saudável está presente não só nas respostas dos alunos, mas também nos discursos (re)produzidos pelo Corpo Escolar (Lovisolo, 2006, p. 22).

Isso reflete uma discussão ainda escassa e, por vezes, reducionista sobre saúde no contexto escolar, a qual tende a associá-la exclusivamente aos determinantes biológicos como responsáveis pelo adoecimento, restringindo-a ao âmbito individual e vinculando-a a uma

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

representação imagética do corpo magro, o que contribui para processos de culpabilização e estigmatização dos sujeitos.

Segundo Poulain (2013), essa estigmatização fundamenta-se em um sistema de representações do corpo gordo que projeta sobre ele supostas qualidades morais do indivíduo. Assim, a desvalorização moral das pessoas gordas associa-se a um conjunto de valores negativos e crenças estigmatizantes. Em consonância com Goffman (1988, p. 15), "[...] acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, por meio das quais, efetivamente — e muitas vezes de forma irrefletida —, reduzimos suas chances de vida".

Para Lüdorf (2009), o corpo, ao mesmo tempo em que é atravessado pelas relações de poder, constitui-se também como objeto dessas relações, manifestando-se de forma mais evidente na dimensão estética. Tal dimensão tem assumido crescente centralidade nas análises contemporâneas sobre o corpo, frequentemente sobrepondo-se a outras perspectivas. Conforme a autora, "[...] o corpo passa, assim, a seguir normas de disciplinamento, não apenas autoimpostas, mas também impostas pela sociedade e por diversas instituições contemporâneas, tais como a imprensa, a televisão, as academias de ginástica, as escolas e as clínicas estéticas, dentre outras" (Lüdorf, 2009, p. 101).

Conforme Alba *et al*. (2022, p. 4): "[...] o Brasil é um país composto por uma grande diversidade de raças, porém a mídia insiste em demonstrar um certo descaso com o povo brasileiro, isso fica evidente ao reforçar uma padronização de beleza". Estes autores mencionam que podemos nos deparar com isto: "[...] em qualquer canal de TV, nas revistas, e até mesmo em redes sociais de *coaching* do emagrecimento" (Alba *et al*., 2022, p. 4).

Além disso, surge como grande problemática a disseminação deliberada de conteúdos estereotipados e gordofóbicos nos mais diversos veículos midiáticos. Frente a tal problemática, Jimenez (2020) explica que:

> A gordofobia está em todos os lugares e é, muitas vezes, disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate. Sustentada por discursos de poder, de saúde e beleza como geradores de exclusão, existem comportamentos diários que reforçam o preconceito/estigma em relação às pessoas gordas, corroborando os estereótipos que estabelecem situações degradantes, constrangedoras, marginalizando essas pessoas e as excluindo socialmente (Jimenez, 2020, p. 3).

Segundo Vigarello (2012), na sociedade contemporânea, a crescente associação entre o indivíduo e o seu corpo intensifica, no caso das pessoas gordas, um profundo conflito

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

identitário, marcado pela vivência de uma identidade fragmentada e pela percepção de que essa condição se apresenta como difícil, senão impossível, de ser superada.

Nesse contexto, a Educação Física escolar deve constituir-se, por exemplo, "[...] em um espaço que oportunize aos alunos a compreensão, a crítica e o questionamento desse momento de idolatria à imagem narcisista do corpo veiculada socialmente" (Gonçalves; Azevedo, 2007, p. 213). Tal perspectiva torna-se ainda mais relevante diante do papel fundamental que a Educação Física assume na formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de desvelar as possibilidades dessa área para além da dimensão biológica e biomédica, fortemente presente nos processos formativos e também reforçada pelos meios de comunicação.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como de cunho descritivo-exploratório (Minayo, 2012) e de natureza qualitativa (Godoy, 1995). Além disso, configura-se como uma pesquisa documental (Oliveira, 2007), orientada pela lógica da análise de produtos midiáticos. Mezzaroba, Mendes e Pires (2010) explicitam que a "análise de produtos midiáticos" ocorre quando o(a) pesquisador(a) realiza o acompanhamento sistemático de determinado veículo de comunicação, com o objetivo de identificar e compreender seus conteúdos, discursos e possíveis intenções. Tal acompanhamento pode ocorrer por meio da *internet*, da mídia impressa ou de programas televisivos, buscando analisar os discursos, os sentidos e as representações veiculadas (Mezzaroba; Mendes; Pires, 2010, p. 202).

O *locus* de realização da pesquisa compreendeu o Portal VivaBem UOL (https://www.uol.com.br/vivabem/) e o portal de notícias digitais do Grupo Globo – G1 (https://g1.globo.com/). As análises nesses portais foram realizadas no período de agosto de 2022 a março de 2023, nos turnos matutino, vespertino e noturno, de segunda a sexta-feira.

Para tal, foi criado um grupo no aplicativo *WhatsApp Messenger*, denominado "*App* diário – corpo gordo", no qual eram compartilhadas as matérias identificadas que, a critério dos autores do presente estudo, poderiam compor o corpus da pesquisa. Ao todo, foram coletadas cinco matérias, sendo duas provenientes do portal UOL e três do portal G1. Para a análise e o tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

A pré-análise constituiu-se, portanto, a partir da leitura flutuante de todo o conteúdo disponibilizado nos portais UOL e G1. Essa etapa inicial demandou um contato direto e relativamente intenso com o material empírico, permitindo a formação das primeiras

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

impressões, pressupostos e até mesmo hipóteses relacionadas ao objeto de estudo (Bardin, 2011).

No que se refere à etapa de exploração do material, o conteúdo textual das matérias analisadas foi transposto para o processador de texto *Microsoft Word*. Os fragmentos (Quadro 1) relacionados à discursividade que tendia a sustentar a ideia de que a mídia exerce uma pedagogia corporal foram destacados em realce na cor verde, como, por exemplo, enunciados que associavam o corpo gordo à necessidade de "melhorias no estilo de vida", de acordo com o contexto das matérias veiculadas.

Quadro 1 – Palavras, termos e fragmentos que geraram as categorias

1. Autoestima, combater essa doença, números vêm aumentando
2. No estilo de vida, vida saudável, mais disposição, Maus hábitos
3. Voltar a treinar, impacto econômico, escolhas mais conscientes, desejo de doces
4. Evitar o consumo, vontade de comer, sobremesa saudável, comportamento de formiguinha
5. Controlar o consumo, comer melhor, dormir melhor, equilíbrio, disciplina, engordar
6. Mudar os hábitos, academia, treinar, reduzir quantidades, tratamento
7. Peso ideal, melhora na libido, melhora global, Balança
8. Controle da Obesidade, sucesso nas redes sociais, Combater a Obesidade
9. Tratamento da obesidade, Melhoras no estilo de vida, Índice de Massa Corporal (IMC)
10. Prevenir a Obesidade, Combater essa doença, Melhoras no estilo de vida
11. Excesso de gordura corporal, acima do peso, incômodo estético, Questão de saúde
12. Dieta, equilíbrio, controle, disciplina, Preocupação com a saúde

Fonte: Autor (2023)

Por fim, o tratamento dos resultados e sua interpretação deram origem à categoria de análise temática intitulada "Mídia e sua pedagogia corporal", construída a partir do material empírico (Quadro 1). Tal categoria apresenta relação direta com a abordagem teórico-conceitual que fundamentou esta investigação, especialmente no que se refere às representações do corpo gordo nos portais estudados.

Destaca-se que, por se tratar de uma pesquisa de natureza documental, o estudo não foi submetido à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016), por não se enquadrar entre os tipos de pesquisa que requerem apreciação ética. Ressalta-se, contudo, que todos os princípios éticos aplicáveis à pesquisa científica foram observados de maneira criteriosa.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

DESVELANDO A PEDAGOGIA CORPORAL DA MÍDIA

Considerando os objetivos propostos e os procedimentos metodológicos adotados neste estudo, o Quadro 2 apresenta, de forma sistematizada, as matérias veiculadas nas plataformas digitais de notícias do UOL e do G1, referentes ao objeto desta investigação, no período delimitado.

Quadro 2 – Caracterização das matérias selecionadas dos portais investigados

Portal G1	***Link* de Acesso**	**Portal UOL**	***Link* de Acesso**
Obesidade controlada: as novas metas para perder peso	https://g1.globo.com/bemestar/podcast/noticia/2022/08/24/bem-estar-157-obesidade-controlada-as-novas-metas-para-perder-peso.ghtml	Sem açúcar, fritura e refri: Joice Hasselmann mudou hábitos e perdeu 22 kg	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/03/15/joice-hasselmann-reeducacao-alimentar.htm
Em 2023 eu vou emagrecer: veja dicas para perder peso e levar uma vida mais saudável	https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/12/31/em-2023-eu-vou-emagrecer-veja-dicas-para-perder-peso-e-levar-uma-vida-mais-saudavel.ghtml	Ele chegou a 160 kg, mas superou obesidade e completou mais de 400 corridas	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm
Por que o sobrepeso na meia-idade afeta seu futuro	https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2023/02/02/por-que-o-sobrepeso-na-meia-idade-afeta-seu-futuro.ghtml?UTM_SOURCE=whatsappsmb&UTM_MEDIUM=share-bar-app&UTM_CAMPAIGN=materias		

Fonte: Os autores (2024)

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

A partir dos dados apresentados, observa-se que as discursividades midiáticas tendem a evidenciar rotinas de treino e padrões alimentares considerados saudáveis de determinadas personagens, sejam elas figuras públicas ou não. Essas narrativas geralmente destacam um breve histórico de suas trajetórias de vida, enfatizando a superação ou, nos termos empregados pela própria mídia, a ideia de "vencer a obesidade".

A mídia realiza essa didatização corporal tanto por meio do conteúdo textual quanto das imagens disponibilizadas em suas plataformas digitais, com o objetivo de evidenciar transformações nas configurações corporais — do corpo gordo para o corpo magro e/ou esguio/*fitness* —, passando, assim, a exercer sua pedagogia corporal.

Um exemplo elucidativo é a matéria veiculada no portal UOL, em 15 de março de 2023, intitulada "Sem açúcar, fritura e refri: Joice Hasselmann mudou hábitos e perdeu 22 kg", na qual se evidencia que o enfoque recai sobre os resultados decorrentes da mudança corporal da personagem, enfatizando a passagem do corpo gordo para o corpo magro e *fitness*.

Essa perspectiva torna-se ainda mais evidente na continuidade da matéria, como se observa no seguinte enunciado: "[...] a jornalista e ex-deputada federal Joice Hasselmann faz sucesso nas redes sociais com seu novo estilo de vida. No perfil do *Instagram* 'Bem-Estar com Joice', ela compartilha a rotina de treinos e de alimentação saudável" (Moura, 2023). Nesse fragmento, percebe-se a construção de uma narrativa midiática que reforça a ideia de que a conquista de um corpo considerado "ideal" depende, necessariamente, do ímpeto individual para a mudança, o que implica ser fisicamente ativo e adotar uma alimentação regrada e equilibrada. Nessa lógica, o emagrecimento e a saúde passam a ser apresentados como resultados diretos dessas práticas.

De acordo com a matéria: "[...] à medida que a alimentação mudava, outra transformação ganhava força: o retorno aos exercícios físicos". Esse papel ficou a cargo de Cristina, irmã de Joice, que é fisiculturista e especialista em "transformação corporal". Além disso, Joice prossegue: "[...] ela me ajudou a montar treinos e voltar a treinar, a me estimular para isso e hoje eu tenho um profissional que me acompanha nessa rotina" (Moura, 2023).

Diante do exposto na matéria analisada, Penas (2021) faz a seguinte afirmação:

> O corpo se destaca, na condição de marca identitária, como um atributo que classifica e hierarquiza os indivíduos, sendo supervalorizado o corpo *fitness* – aquele moldado em academias de musculação e múltiplos treinos de condicionamento físico atualmente disponíveis - e desqualificados o corpo gordo, suas dobras excedentes e volumes tenros e macios (Penas, 2021, p. 19).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

O mesmo é observado nos relatos de Fábio, veiculados pelo portal UOL, a respeito de sua compreensão sobre o emagrecimento: “entendi que perder peso era uma questão de saúde. Segui a dieta que foi passada, comecei a fazer musculação na academia do bairro e eliminei 42 kg em quatro meses” (Cortez, 2022). Observa-se que o produto midiático — tanto em sua dimensão textual quanto imagética — objetiva transmitir a ideia de que o sujeito conseguiu “vencer a obesidade” por meio da mudança de comportamento, especialmente a partir da adoção de uma rotina de exercícios físicos e de uma alimentação regrada. Nessa perspectiva, a perda de peso é apresentada como condição necessária para a obtenção da saúde, conforme a concepção expressa pelo próprio entrevistado.

Oliveira *et al*. (2012, p. 100) chamam a atenção para o fato de que “[...] os discursos produzidos sobre saúde, sejam em periódicos científicos ou na mídia, podem estar carecendo de cientificidade, bem como de rigor conceitual”. Assim, embora não exista um conceito único e exclusivo de saúde cientificamente consensuado, Canguilhem (2009) assinala que as distinções entre saúde e doença, bem como entre normal e patológico, dizem respeito a variações de natureza qualitativa, e não meramente quantitativa, como frequentemente concebido no âmbito da biomedicina. O autor ressalta que, embora saúde e doença não se confundam nem sejam igualmente valoradas, os modos culturais de compreendê-las divergem de forma significativa.

Tal afirmativa dialoga com o produto midiático veiculado pelo portal G1, especificamente em 31 de dezembro de 2022, que destacou a seguinte manchete: “Em 2023 eu vou emagrecer: veja dicas para perder peso e levar uma vida mais saudável”. A matéria, fundamentada na opinião de especialistas — entre eles o médico endocrinologista Carlos Eduardo Barra Couri —, enfatiza que “[...] é essencial entender que a preocupação com a saúde precisa vir antes da preocupação com a balança” (Mengelle, 2022).

Do ponto de vista de Bezerra (2012, p. 16), “[...] os espaços de comunicação de massa oportunizam constantemente a veiculação de ideias, informações, compreensões, valores, comportamentos, modos de viver, entre outros, sobre os diferentes temas que estão imbricados nas relações sociais cotidianas”. O autor acrescenta que “[...] essa veiculação ocorre por meio da mediação exercida pelos espaços midiáticos, sejam eles revistas, televisão, jornais, rádio ou internet, alcançando, assim, um público numeroso e diversificado” (Bezerra, 2012, p. 16).

Essa pedagogia corporal exercida pela mídia estabelece estreita relação com uma pedagogia do medo, ao produzir e disseminar discursos que despertam temor e insegurança nos sujeitos. Tal dinâmica pode ser observada na matéria veiculada pelo G1 em 2 de fevereiro de

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

2023, intitulada “Por que o sobrepeso na meia-idade afeta seu futuro”, que enfatiza resultados associando a obesidade ao aumento do risco de desenvolvimento da Doença de Alzheimer.

Nesse contexto, conforme assinalam Souza e Gonçalves (2021, p. 2), “[...] existe uma obsessão excessiva em evitar o corpo gordo a qualquer custo, uma vez que este se encontra estereotipado como doente e feio, simbolizando socialmente a falta de autocontrole, o que gera uma rigorosa supervisão do corpo”.

De modo semelhante, em matéria veiculada em 24 de agosto de 2022 pelo portal G1, intitulada “Obesidade controlada: as novas metas para perder peso”, são difundidas informações — inclusive por meio do uso de *podcast* — acerca da importância da perda de peso associada à melhora da qualidade de vida, bem como à redução da probabilidade de desenvolvimento de complicações biológicas decorrentes do sobrepeso.

Ressalta-se que o objetivo deste estudo não é assumir uma postura negacionista em relação aos saberes produzidos pelas Ciências Biológicas e Biomédicas no que se refere ao fenômeno da obesidade, mas, sim, chamar a atenção para o fato de que se trata de uma condição multifatorial. Nesse sentido, torna-se fundamental compreendê-la também a partir do campo das Humanidades, considerando aspectos individuais, subjetivos, geográficos, econômicos, sociais, culturais e políticos, para além do enfoque estritamente biológico e comportamental.

Além disso, outro excerto da fala de Fábio que se mostra passível de problematização diz respeito à repercussão desse processo em seu sofrimento psíquico, especificamente a depressão, que culminou no retorno ao peso de 134 kg. Tal situação suscita importantes questionamentos: mesmo com a prática de exercícios físicos e, aparentemente, com uma alimentação regrada, o sujeito encontrava-se em sofrimento psicológico? Como, então, compreender os discursos que associam de forma linear e positiva a prática de exercícios físicos à saúde e ao “bem-estar”? Nessa perspectiva, corpo e mente não constituiriam dimensões indissociáveis de um mesmo processo?

Ademais, outro julgamento pré-concebido que se faz necessário problematizar refere-se à percepção de que pessoas gordas seriam, invariavelmente, aquelas que não praticam atividade física. Essa concepção decorre da associação direta entre exercício físico, perda de peso e promoção da saúde, de modo que a simples redução do perfil lipídico — frequentemente visível na configuração corporal, como no corpo magro — passa a ser interpretada como sinônimo de “ter saúde”.

No caso do corpo gordo, observa-se que este é frequentemente subjugado em razão de sua configuração corpórea volumosa, por não corresponder ao padrão de corpo socialmente

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

idealizado. Assim, evidencia-se um esforço contínuo de controle sobre os corpos que não se enquadram nesse protótipo dominante na cultura contemporânea, controle este que, conforme assinala Vigarello (2012, p. 14), está intimamente relacionado "[...] à insensível precisão do julgamento sobre as curvas corporais e sua inflexão".

Souza e Gonçalves (2021, p. 2) comentam que: "[...] há a percepção de que os indivíduos que não pertencem ao arquétipo estabelecido socialmente são ridicularizados, desprezados e criticados devido sua estrutura corporal". Outra realidade passível de problematização diz respeito às ambiguidades referentes ao corpo gordo, sendo assim, e com base nos escritos de Fischler (1995), em sua obra "Obeso benigno, obeso maligno", podemos compreender que:

> O primeiro é o de um homem roliço, extrovertido, dotado para as relações sociais, bancando voluntariamente o brincalhão, contando histórias no fim dos banquetes, sofrendo provavelmente por sua corpulência em seu foro íntimo, mas nada deixando transparecer. O segundo é bem diferente. É um doente ou um depressivo, um egoísta desenfreado ou um irresponsável sem controle sobre si mesmo. O primeiro é um gordo simpático. O segundo, um obeso que só suscita a reprovação, quando não a aversão (Fischler, 1995, p. 71).

Um exemplo ilustrativo, em diálogo com a citação anteriormente apresentada, é a figura do chamado "obeso simpático", representada pelo apresentador de televisão, dramaturgo e humorista brasileiro José Eugênio Soares, conhecido como Jô Soares. O artista destacou-se na televisão brasileira ao comandar o "Programa do Jô" entre 2000 e 2016, na Rede Globo, e o "Jô Soares Onze e Meia", exibido pelo SBT entre 1988 e 1999. Em contraposição, o "obeso maligno" refere-se àquele socialmente estigmatizado, compreendido como um pária social (Poulain, 2013), isto é, um sujeito situado à margem da sociedade, frequentemente excluído do convívio social por não corresponder a papéis socialmente valorizados, nem mesmo ao da comicidade.

Torna-se evidente, portanto, a existência de uma rede potente e, em certa medida, sofisticada de discursividades, bem como de produção e circulação de imagens nos mais diversos meios de comunicação, que buscam influenciar diretamente a vida das pessoas. Essa influência manifesta-se, por exemplo, ao sugerir o que deve ser consumido e de que forma, quais roupas vestir, quais cores e estilos de cabelo adotar, quais práticas corporais realizar, quais alimentos ingerir e, inclusive, qual modelo de corpo deve ser tomado como ideal. Nesse contexto da sociedade contemporânea midiatizada, o corpo gordo é amplamente desvalorizado, sendo frequentemente patologizado, ridicularizado e culpabilizado.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

Os produtos midiáticos analisados reforçam a noção de que a gordura representa o oposto da felicidade, da beleza, do desejo e da saúde, ao passo que a magreza é associada a esses atributos. Desse modo, a gordura corporal — especialmente a barriga volumosa — passa a ser construída como o principal e mais temível inimigo a ser combatido e evitado.

Estanislau (2014) destaca que o tratamento promovido pela mídia em combate à obesidade, tendo em vista o processo de elaboração da notícia e os efeitos de discursos produzidos, "[...] abrange a espetacularização como conceito-chave para compreender certo sensacionalismo que há na produção jornalística em contextos de epidemia" (Picagevicz, 2018, p. 131). Tal espetacularização em nada contribui para a promoção de uma sociedade que respeite e acolha as diferenças existentes, inclusive no que diz respeito aos diferentes tipos de corpos — altos, baixos, magros, gordos, pessoas com deficiência, corpos LGBTQIAPN+, negros, indígenas, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas e considerando-se o que está consolidado na literatura científica acerca do objeto deste estudo, observa-se que o processo de pedagogização dos corpos encontra-se, em grande medida, ancorado em pesquisas científicas geralmente conduzidas por instituições de reconhecido prestígio no campo das Ciências Médicas. No entanto, tais investigações tendem a desconsiderar um conjunto relevante de fatores associados à obesidade.

Embora muitas dessas instituições — como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) — reconheçam a obesidade como uma doença crônica e, sobretudo, multifatorial, ainda se nota a ausência de uma abordagem consistente que contemple as dimensões individuais, culturais, econômicas, ambientais e políticas que atravessam a condição de ser uma pessoa gorda.

Constatou-se, ainda, que a mídia produz e legitima um "ideal" de corpo que não é alvo de processos de patologização, culpabilização e/ou estigmatização: o corpo magro, esguio e *fitness*. Esse modelo corporal tem sido amplamente valorizado e aclamado, uma vez que, sob as "lentes" da sociedade contemporânea, passa a ser compreendido como sinônimo de saúde, aferida predominantemente a partir da forma corporal. Nesse sentido, conforme apontam Mezzaroba e Torri (2016, p. 410), "[...] não podemos desconsiderar sua relevância na produção de sentidos e de um 'regime de verdade' quanto ao corpo e à saúde na nossa forma contemporânea de viver".

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

A discursividade aqui analisada inclina-se, portanto, à compreensão de que a gordofobia impacta de maneira intensa e violenta a vida de milhares de pessoas gordas, frequentemente submetidas a processos de ridicularização, discriminação e exclusão social. Diante desse cenário, torna-se urgente e necessário que o campo pedagógico se valha de estratégias capazes de enfrentar e problematizar essa realidade.

Compreende-se que, por meio de uma educação para as mídias, é possível contribuir de forma significativa para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e criativos (Fantin, 2006). Conforme destaca a autora, à medida que tal perspectiva se consolida, "[...] a mídia-educação na escola estará investida de novas responsabilidades na sociedade atual e poderá contribuir com a construção de uma nova forma de mediação cultural" (Fantin, 2012, p. 29).

A mídia-educação reafirma, assim, o espaço escolar como um ambiente privilegiado de socialização, marcado pela diversidade e pela pluralidade. Nessa perspectiva, discutir cidadania implica democratizar o acesso e o uso das mídias, com o objetivo de assegurar o desenvolvimento das dimensões crítico-reflexiva — educar para os meios; metodológica-instrumental — educar com os meios; e expressivo-produtiva — educar por meio dos meios (Fantin, 2011). Tal compreensão torna-se ainda mais relevante diante do fato de que as mídias podem — e frequentemente têm sido — utilizadas de maneira indiscriminada, acrítica e, por vezes, mal-intencionada. Desse modo, evidencia-se a importância da mídia-educação como estratégia para tematizar, problematizar e mediar questões relacionadas ao corpo, à gordofobia e ao *bullying* de forma mais ampla.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lidiane; COSSETIN, Márcia. Percepções docentes e práxis pedagógica permeadas pelas tecnologias e mídias digitais: um retrato de disparidades e desafios educacionais. **Revista de Ciências Humanas**, *[S. l.]*, v. 24, n. 1, p. 3–19, 2023. DOI: 10.31512/19819250.2023.24.01.03-19.

ALBA, Daniel Jonathan Medvedovsky; BOMFIM, Vitoria Vilas Boas da Silva; DELFINO, Mike Jordam da Silva; SANTOS, Gilson Oliveira; LIMA, Isaac Neves de; SILVA, Amanda Barbosa da; BRITO, Evandro de Oliveira; DALPIAZ, Altemir Luiz; RÔAS, Yuri Alexander dos Santos; BRUST, Cristina. Atividade física voltada ao emagrecimento a influência da mídia sobre a estética corporal. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p. e138111132831, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.32831.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.	
Recebido em: 20/05/2025	Aceito em: 03/02/2026

BEZERRA, Hudson Pablo Oliveira. **Corpo e saúde: reflexões sobre o quadro "Medida Certa"**. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Movimento Humano, Cultura e Educação, Saúde e Desempenho) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CAETANO, Virgínia Barbosa Lucena. **Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos**. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

CORTEZ, Diana. **Ele chegou a 160 kg, mas superou obesidade e completou mais de 400 corridas**. Portal UOL, 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-masvenceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm. Acesso em: 12 jun. 2023

ESTANISLAU, Fabiano Marçal. **Produção de sentidos na balança: as relações entre ciência, mídia e cotidiano nos discursos de obesidade**. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália**. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FANTIN, Mônica. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 205-223, 2009.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27- 40, 2011.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 2, p. 437-452, 2012.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. *In*: SANT‟ANNA, D. B. (org.). **Políticas do Corpo:** Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara S. A, 1988.

GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Pensar a prática**, v. 10, n. 2, p. 33-51, 2007.

JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

LOVISOLO, Hugo. Em defesa do modelo 'JUBESA' (juventude, beleza e saúde) *In*: BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; DA ROS, Marco. (org). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 157.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, n. 28, p. 99-110, 2009.

MENGELLE, Isabella. Em 2023 eu vou emagrecer: veja dicas para perder peso e levar uma vida mais saudável. **Portal G1**, 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/ribeirao-pretofranca/noticia/2022/12/31/em-2023-eu-vou-emagrecer-veja-dicas-para-perder-peso-e-levaruma-vida-mais-saudavel.ghtml. Acesso em: 12 jun. 2023.

MEZZAROBA, Cristiano; MENDES, Diego Souza; PIRES, Giovani Lorenzi. Grandes eventos esportivos, mídia e representações: possibilidades/responsabilidades para a educação física escolar. *In*: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; RIBEIRO, S. D. D. (org). **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2010. p. 185-206

MEZZAROBA, Cristiano; TORRI, Danielle. Saúde, estética, mídia: discussões possíveis à educação física e implicações na formação de professores. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade,** Inhumas, v. 9, n. 3, p. 396-413, 2016. DOI: 10.14571/cets.v9.n3.396-413.

MINAYO, Maria Cecília Alves. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOURA, Sarah Alves. Sem açúcar, fritura e refri: Joice Hasselmann mudou hábitos e perdeu 22 kg. **Portal UOL**, 2023. Disponível em: https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/03/15/joice-hasselmann-reeducacaoalimentar.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 12 jun. 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; ASSIS, Monique; VILAÇA, Murilo; ALMEIDA, Marcelo Nunes de. Os "pesos" de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, 2012. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29089. Acesso em: 12 abr. 2023.

PAIXÃO, Ana Karla Ramalho. **O mundo em pandemia: o ócio do isolamento social como reprodutor da gordofobia no Instagram**. 2021. 80 f. Dissertação (Mestrado em Saúde coletiva) – Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2021.

PENAS, Evelyn Cristina Souza. **Gordofobia em cena: estratégias discursivas contra o preconceito em vídeos do Youtube**. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026

PICAGEVICZ, Ana Paula. **“Você seria tão bonita, se fosse magra”: os múltiplos sentidos no discurso da superação da obesidade**. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da obesidade**. São Paulo/SP: Senac. 2013.

SILVA, Jadisson Gois; MEZZAROBA, Cristiano. Problematização dos atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica shallow hal (O amor é cego): uma análise fílmica. **Revista livre de cinema**, v. 9, n. 2, p. 100-134, 2022.

SOUZA, Amanda Ferreira; MATTOS, Rafael Teixeira. Relação da utilização de dietas de emagrecimento e do padrão de beleza imposto pela mídia no aparecimento de transtornos alimentares em adolescentes do sexo feminino. **Revista Eletrônica Parlatorium**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 68-91, 2015.

SOUZA, Bárbara Pavei. O movimento Plus Size e o Corpo. **ModaPalavra e-periódico**. Florianópolis, v. 12, n. 26, p. 68-91, 2019.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2021. DOI: 10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a701.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo:** história da obesidade no ocidente da idade média ao século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa de estudos. O fomento recebido contribuiu de maneira decisiva para o desenvolvimento da pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação.

CONFLITO DE INTERESSE

Declara-se que não há conflito de interesse relacionado à realização deste estudo.

SOBRE OS AUTORES

Jádisson Gois da Silva
Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS/CAPES), na linha de pesquisa Tecnologias, Linguagens e Educação. Mestre em Educação (PPGED/UFS/CAPES), na linha de pesquisa Educação e Comunicação. Graduado em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) pelo Centro Universitário Estácio de Sergipe, com especializações em Saúde Mental em caráter de

Residência Multiprofissional em Saúde (HU-UFS), Atenção à Saúde das Pessoas com Sobrepeso e Obesidade (UFSC) e Vigilância em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 (FIOCRUZ/MS). Atualmente, é tutor presencial da Residência Multiprofissional em Saúde Mental (HU-UFS). Desenvolve pesquisas sobre obesidade, gordofobia, mídia-educação e interseccionalidades na formação de professores(as) e profissionais da saúde.
E-mail: jadissonsilva92@gmail.com

Cristiano Mezzaroba
Licenciado em Educação Física (2004) e em Ciências Sociais (2012) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação Física, na linha Teoria e Prática Pedagógica (2008), e doutor em Educação, na linha Sociologia e História da Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC (2018). Atuou como professor substituto na UFSC (2008–2009) e como professor da Rede Municipal de Florianópolis (2010). Atualmente, é professor associado do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física (GEPESCEF/UFS) e pesquisador do LAPSB/UFSC e do NEPESC/UFSC/CNPq.
E-mail: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 27, e5164, 2026.
Recebido em: 20/05/2025 | Aceito em: 03/02/2026